

Sonhos e pesadelos

OTTO LARA RESENDE

"Precisamos de mágica." Raul Bopp.

Depois de retirada a emenda Figueiredo, o líder Nelson Marchezan disse aos repórteres que estava chateadíssimo. Tinha descido sobre o Congresso aquela nuvem de cansaço, perplexidade e expectativa ansiosa, bem típica do clima político em que tem vivido esta pobre e andrajosa República. Apesar do sangue italiano, Marchezan mantém de público uma serenidade que não costuma ser identificada com o temperamento meridional. Li nos jornais que ele passou várias noites em claro e quando conseguiu dormir umas poucas horas, foi acordado pelo telefone. O interlocutor mais freqüente da madrugada seria o Ministro Leitão de Abreu, que também anda insone. O dr. Leitão é mais velho do que Marchezan. Pode-se supor que necessita dormir menos do que o líder na Câmara. Não sei se Marchezan lê a Divina Comédia. Se não lê, era o caso de ler e deve começar pelo Inferno, o que quer dizer começar pelo começo.

Pouco sei do atual Congresso Nacional e estou muito longe de ser um razoável conhecedor da Comédia do Dante. Num livro agora traduzido no Brasil, "Sete Noites", Jorge Luis Borges insiste em dizer que ninguém no mundo tem o direito de privar-se da felicidade que é a leitura da Comédia. E ensina que devemos lê-la inicialmente com uma fé infantil, com abandono. Assim o Dante nos acompanhará até o fim de nossa vida, com esse livro que sempre continuará existindo — "depois da minha e das nossas vigílias". Como a palavra de Borges merece fé, seria o caso de pedir a Deus a bênção de permanentes vigílias, quem sabe à custa de tentar liderar os cacos do PDS. A comédia política brasileira está a pedir fortes soníferos, mesmo que o sono venha povoado de pesadelos. Nenhum pesadelo onírico será pior do que a realidade.

Para um jovem deputado com o peso da liderança nas costas, não há de ser fácil conciliar o sono, como não é fácil, muito pelo contrário, qualquer conciliação nesta hora. Posto entre uma fragmentária maioria, maioria agora minoritária, e um governo criptográfico, cabalístico e caviloso, o líder tem o direito de sonhar acordado com uma sonoterapia profunda. Mais velho e mais provado, o dr. Leitão dispõe por certo de melhores defesas e terapêuticas mais eficazes, sem precisar recorrer a bolinhas ansiolíticas e soníferas. Gaúcho como Marchezan, recolhido à granja do Ipê, consta que recorre ao Goethe e com freqüência. Mas evita citá-lo, desde que lançou a controvérsia nos arraiais políticos, com uma palavra de Goethe que até hoje continua sendo discutida entre os vereadores de Cabobró: "Minha natureza é assim — prefiro cometer uma injustiça a tolerar a desordem". Por um fio especial, que não é o do Ibrahim (atenção: Ibrahim Sued), sei que o dr. Leitão caminha alta noite angustiado, mas firme com o seu excelente alemão: "Den lieb'ich, der Unm.gliches begehrt", ou seja, "Amo aquele que sonha o impossível".

O impossível no caso talvez seja a presidência da República, por eleição direta ou até despudoradamente indireta. A esta altura, a República é pouco mais que uma sombra, de tanto que a agri-dem e desrespeitam sem a menor cerimônia. Mas a presidência existe — e com a força necessária para qualquer capricho, mesmo que vá contra a nossa vã cidadania e se meta pelo arbítrio e o infatigável autoritarismo adentro. Nesse ambiente caótico, com os antecedentes obscurantistas que todos conhecemos e temos sofrido, compreende-se que até o líder do governo esteja chateadíssimo, conforme ele próprio disse aos repórteres. Disse e repetiu, como vimos na televisão. Não

sei se o líder infringiu a linguagem regimental e protocolar, ao confessar que estava chateado. Em seguida apelou para o superlativo: estava é chateadíssimo. Em seguida, foi para casa e a reportagem não contou se dormiu ou se falou ao telefone.

Se ouvisse o meu conselho, e mais do que o meu, que não tenho autoridade, o conselho de Jorge Luis Borges, devia ter mergulhado na outra Comédia, a Divina. Não estranharia a selva escura, mas teria pelo menos o consolo da bela música dos versos e da mais alta poesia. Uma noite de insônia é bastante para repassar o Inferno. E talvez deixe tempo para que o leitor se detenha aqui e ali, em cantos que, sendo poéticos, nem por isto são menos reais e terrenos. Lá estão, com efeito, se me permitem uma ordem menos caótica do que a que reina em nosso mundo político, os heréticos e os tiranos, os blasfemos e os adutores, os mágicos e os trapaceiros, os hipócritas e os ladrões, os maus conselheiros e os impostores, os falsários e os traidores, os cismáticos e os semeadores de discórdia. Pela pequena amostra, aqui está o que se pode chamar de uma autêntica República dantesca.

Quanto à nossa República, nenhum Dante, ou qualquer poeta menor, decidiu cantá-la — e cantar no caso não significa exaltá-la. Pois onde buscar força e inspiração para exaltar o que hoje constitui o cotidiano brasileiro? Depois do fracasso da emenda Figueiredo, que só admitia a vitória, sem alternativa, todos estamos chateadíssimos, como de si próprio disse o líder Marchezan. A paisagem é mortalmente chata. Chatice é toda a conversa fiada que bá mais de dois anos entulha os caminhos do exercício político e parlamentar. A palavra mais dita e mais ouvida é retrocesso, que a esta altura deve ter substituído o progresso da nossa divisa positivista. Não é de estranhar que, no lugar da ordem da mesma divisa, haja quem pense numa espécie de ordem que nada tem a ver com a República. Ordem de arbítrio, que não passa pelas águas lustrais da representação e da federação, por sua vez só viáveis e existentes a partir da legitimidade do voto universal, livre e secreto.

O quadro não podia ser mais desastroso. Em vez de constituição, temos recessão. No lugar do desenvolvimento, com que embalamos o nosso sonho ufanista de um futuro sempre adiado, temos a bola de neve da dívida externa. Nossos credores desconhecem a aflição do povo e parecem decididos a atear fogo nos países eufemisticamente chamados de periféricos. Marginalizados, danados da terra, vivemos na favela de um mundo rico, que nos cobra um preço altíssimo pelo nosso direito de não morrer. A crise está por toda parte, para onde quer que se volte o olhar do mais isento dos cidadãos. Aliás, já nem há cidadão neste caos institucional que se aproxima cada vez mais do samba do crioulo doido, segundo a visão premonitória do nosso saudoso Sérgio Porto. 20 anos de autoritarismo deram nisto. A continuar neste caminho, onde as ambições e a falta de escrúpulo pretendem passar por liderança, podemos ir-nos preparando para em 1988 proclamar a escravidão. Custa-nos lembrar os compromissos com aquele velho ideal da República que nunca chegou a ser a dos nossos sonhos, mas que pode pelo menos, como dizia Deodoro, celebrar as páscoas da liberdade, com o domínio da Justiça e do Direito. O pior é que, se Deus não nos ajuda, acabaremos comemorando o centenário de 1989 como uma banana republic, entregue às serpentes negras da violência e da improvisação, escoradas em salvaguardas e emergências biônicas e casuísticas. Em suma: uma chateação.